



## O processo sociorrelacional da migração: percepções de jovens imigrantes brasileiros sobre a Amazônia

Klondy Lúcia de Oliveira Agra

Faculdade Interamericana de Porto Velho, Av. Mamoré, 1520, 78919-541, Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: [klondy2@gmail.com](mailto:klondy2@gmail.com)

**RESUMO.** Neste artigo apresento resultado de pesquisa com jovens brasileiros que, a partir de 2010, com o início das Construções das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e de Jirau na cidade de Porto Velho, migraram a Rondônia, um Estado localizado na Amazônia Brasileira. Na procura de conhecer suas percepções sobre a região amazônica, através da pesquisa qualitativa e com auxílio da Geografia Humana e Cultural, procurei observar as imagens quanto ao destino antes de migrar, as motivações e razões que ocuparam esse imaginário e o que os induziram a tomar essa decisão. Como essas imagens evoluíram ou se transformaram desde que tomaram a decisão de migrar até a chegada ao seu destino e sua inserção na cidade de destino. As análises e triangulações de dados trouxeram à pesquisa detalhes sobre a constituição do processo migratório, com a exposição clara da evolução e transformação das imagens preconcebidas desses jovens entrevistados.

**Palavras-chave:** percepções, representações, migração, Amazônia Brasileira.

### The social and relational process of migration: perceptions of young brazilian immigrants on the Amazon

**ABSTRACT.** The results of a research on young Brazilian migrants are evaluated. Several young Brazilians migrated to the city of Porto Velho, Rondônia State, Brazil, from 2010 onwards, when the construction of the Santo Antônio and Jirau Hydroelectric Powerstation started. So that their perceptions on the Amazon region could be analyzed through a qualitative research and with the help of Cultural and Human Geography, the images they had of their destination prior to migrating, their motivations and reasons that empowered their imaginary and what induced them to take this decision are assessed. An analysis is also undertaken on these images which developed and transformed themselves between the period in which the young people decided to migrate until their arrival and their insertion in the city. Analysis and comparison of data produced details on the migration process, through a clear exposition of the evolution and transformation of preconceived images of the interviewed people.

**Keywords:** perceptions, representations, migration, Brazilian Amazon.

O homem é uma 'escolha', uma luta, um constante vir a ser. Ele é uma migração infinita, uma migração dentro de si próprio, da argila a Deus; ele é um migrante dentro de sua própria alma. (TAGORE, 1917, p. 62).

#### Introdução

A finalidade do estudo é conhecer as percepções, imaginários e representações sociais de jovens imigrantes brasileiros residentes na cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, na procura de conhecer suas percepções sobre a região amazônica. Trata-se de investigação qualitativa, que visa atingir o objetivo proposto pelos caminhos da Geografia Cultural e Humana, com técnicas de entrevista, relatos de vida e observação participante.

Interessam neste estudo as representações e práticas sociais desses jovens brasileiros a partir da migração, um marco importante em suas histórias de

vida. A fim de atingir esse objetivo, entrevistaram-se 20 jovens no total, dez homens, com profissões diversas, originados de variados Estados brasileiros e dez mulheres em igual situação, com idade entre 20 a 30 anos, imigrantes em 2010, após o início das Construções das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e de Jirau.

Primeiramente, se expõem neste artigo algumas reflexões sobre o sentido culturalmente construído, a percepção na geografia, a representação social, um breve histórico da migração interna no Brasil e o fenômeno no Estado de Rondônia, em especial na cidade de Porto Velho. A seguir, se descrevem e

analisam as informações recolhidas no trabalho de campo, com resultados.

As análises e triangulações de dados trouxeram à pesquisa detalhes sobre a constituição do processo migratório, com a evolução e transformação das imagens preconcebidas dos jovens entrevistados, desde a tomada de decisão sobre a migração, até a chegada ao seu destino e sua inserção em Porto Velho. Desvelando sonhos, realizações e desapontamentos que os acompanharam durante suas histórias de vida.

### **Sentidos, percepções, representações e o processo migratório**

Os estudos da Geografia Cultural e Humana procuram desvelar os diversos significados do mundo vivido do homem e para isso se utilizam de conhecimentos e teorias diversas. De acordo com Paul Claval (2001), o objetivo da geografia atual é compreender a maneira como as pessoas vivem sobre a terra, fazem a experiência dos lugares que habitam ou visitam, encontram indivíduos e grupos, dão um sentido a esses contatos e tentam modificar as realidades nas quais vivem.

A fim de compreender sobre essas experiências de dar sentidos a lugares, procurou-se, neste estudo, necessariamente, compreender os sentidos construídos culturalmente através da lógica de Frege<sup>1</sup>, que tem como base a concepção de que uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos e, para que ela possa dar conta disso, usam-se sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que esse contexto só tem sentido especializado em um cenário que revela uma cultura.

A partir da compreensão da unidade de sentido de Frege (1978), compreende-se, neste estudo, a cultura e a linguagem como um corpo e um coração, ou seja, a cultura como o conjunto de ações: maneira de vestir-se, escolha de alimentos e modos de comê-los, todos os modos, hábitos, pensamentos e crenças, enfim, todas as maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário. A linguagem como um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados. Por isso, então, a linguagem enquanto o coração desse imenso corpo cultural. É da interação entre essas duas que resulta a continuação da energia-vital (BASSNETT, 1991), com a transmissão de valores, crenças e pontos de vista, com a possibilidade à interculturalidade.

Pela Geografia Cultural e de todas as ferramentas que essa ciência disponibiliza ao pesquisador, com as várias possibilidades da sua utilização à interdisciplinaridade, buscou-se pelo conhecimento das percepções e representações desses migrantes. Essa busca às percepções dos jovens entrevistados em todo o percorrer da pesquisa, contou com a compreensão dessa pesquisadora de que tais estudos, por envolverem atores de lugares diferentes, abarcam culturas diferentes, pontos de vista diferentes, de diferentes grupos sociais que produzem e reproduzem espaço e que por isso merecem ser investigados como unidade cultural (CLAVAL, 2009).

Procurou-se, então, a partir desses conceitos, por outras teorias em busca de esclarecer como se comportam esses sentidos culturalmente construídos durante o processo social-relacional da migração. Para isso, utilizam-se concepções diferenciadas sobre os vínculos entre espaço e vida social em busca da compreensão desse processo. Desde as teorias que remetem a leituras específicas de Kant, onde o espaço seria essencialmente um construto social, tributário de interações sociais e de representações coletivas (DURKHEIM, [1912] 1994; SIMMEL, [1903] 1908), até teorias que argumentam que o espaço é mediação de práticas sociais imbuídas de contradição (LEFEBVRE, 2000), chegando-se a 'sociologia do espaço' de Goffman (1967).

Partimos do pressuposto que na prática da vida cotidiana, os atores envolvidos representam papéis e oferecem conceitos e imagens de si mesmos que necessitam de certos referentes que os permitem atuar. A esses referentes Goffman (1967) denomina 'padrões de comportamento' e sobre esse tema declara:

A recíproca acessibilidade regulada pelos encontros sociais são uma acessibilidade para receber e transmitir estes fluxos de representações e comunicações que descrevem personagens e suas ações e é essa acessibilidade para receber e transmitir esses fluxos de representação e comunicação que descrevem personagens e suas ações. (GOFFMAN 1967, p. 47).

Para o estudo da percepção da Amazônia dos atores investigados, utilizou-se da unidade de sentido descrita em Frege (1978) e da compreensão de que são esses sentidos construídos culturalmente que conduzem aos padrões de comportamento descritos em Goffman, dando assim, oportunidade à percepção descrita em Tuan (1980), ou seja, a percepção como a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados,

<sup>1</sup>In: On Sense and Meaning (ADAMS; SEARLE, 1985). Nesse artigo, Gottlob Frege, lógico e filósofo alemão, discute sobre o sentido e o referente (Sinn - Bedeutung).

enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980).

Com esse entendimento, utiliza-se a compreensão da representação neste estudo conforme a teoria de Moscovici (1961/2011) e seus estudos na Psicologia. De acordo com esse autor, a representação que temos de algo, não está diretamente relacionada à nossa maneira de pensar e, contrariamente, por que nossa maneira de pensar e o que pensamos depende de tais representações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, refletem um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

As representações são entidades sociais com vida própria. Têm autonomia e exercem pressões. Apresentam-se como “[...] realidades inquestionáveis que nós temos de confrontá-las” (MOSCOVICI, 2011, p. 40). Representações sociais “[...] influenciam o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade” (MOSCOVICI, 2011, p. 40). Contudo,

[...] pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam (MOSCOVICI, 2011, p. 45).

Essas representações possuem duas funções: 1ª - elas convenciam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram; dão-lhes forma definitiva, são localizadas em uma determinada categoria e gradualmente são colocadas como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. 2ª - são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2011). Compreende-se, também, que realidade é para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é aceito na sociedade como realidade (LEWIN, 1948).

Vê-se, portanto, que cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções que, claramente, definem suas fronteiras, distinguem mensagens significantes de mensagens não significantes e ligam cada parte a um todo e colocam

cada pessoa ou objeto em uma categoria distinta e que nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura, isto é, pensa-se através de uma linguagem, organizam-se os pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por representações, como pela cultura e por isso só se vê o que as convenções subjacentes permitem ver e se permanece inconsciente dessas convenções.

As representações, compartilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles, ou melhor, são repensadas, recitadas e rerepresentadas. Desse modo, para dar conta desta pesquisa que se propõe a conhecer percepções e representações sobre o cenário amazônico por atores de regiões diversas, procurou-se levar em conta estudos além da abordagem da Geografia, isto é, leva-se em conta, principalmente, que essa busca envolve sentidos culturalmente construídos, assim sendo, envolve um conjunto inteiro de critérios extralinguísticos e para esclarecê-los procuramos, também, por teorias da filosofia da linguagem, com a ‘reavaliação’ de sentidos de Bakhtin e Volochinov (1999).

Procurou-se, ainda, por conhecimentos no campo das teorias culturais que esclarecessem sobre como a migração é definida através do imaginário, ou seja, como se dão as ‘construções culturais’ (TURA, 1998). Essas construções, inerentes a todos os migrantes que envolvem componentes racionais e irracionais, objetivo e subjetivo, real e ideal antes do processo migratório, durante e depois do fato.

Em todo este estudo, levou-se em conta as representações sociais e imaginários que os jovens constroem, ainda em seus lugares de origem, a partir das informações que recebem através de cadeias e/ou redes de parentes e amigos já residentes na Amazônia e que após a realização do processo, são confrontados com o real, transformando-se, em alguns casos, em desilusões e desapontamentos.

### **A migração interna no Brasil e o fenômeno em Porto Velho**

A migração é um fenômeno complexo, essencialmente social, com determinações diversas. Esse fenômeno apresenta interações particulares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta que tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas, para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam (SALIM, 1992).

Por se tratar de um fenômeno que consiste no ato da população deslocar-se espacialmente, pode ser desencadeado por fatores diversos, tais como religiosos, psicológicos, sociais, econômicos,

políticos e ambientais. Por isso, se relaciona às condições históricas das mudanças sociais, econômicas e estruturais e constitui-se em importante mecanismo de reprodução ou alteração numérica da sociedade. Através desse fenômeno, pode se medir ou refletir processos que se remetem indiretamente sobre outros processos demográficos ou, diretamente, sobre as relações de classes que determinam a formação e a composição do mercado de trabalho de um território.

No Brasil, a migração interna à Amazônia é intensa. Esse deslocamento de pessoas se deve, em primeiro lugar, pela riqueza de opções oferecidas pela região ao exercício do ordenamento territorial em toda sua gama de possibilidades de atuação. Riquezas bem marcadas nas teses geopolíticas de militares, como Golbery e Mattos que, na década de 1970, reforçaram a ideia de 'imperialismo brasileiro', ressaltando sobre a presença do Estado nas Fronteiras que permitiria consolidar o desejo de reconhecimento nacional (MATTOS, 1980).

Essa mesma fronteira é que aparece em Becker (1990) como controle e domínio da área territorial pelo Estado, onde o poder de controle estatal de certos recursos se expressa na dominação de seus espaços. Um lugar em que o simbolismo de grandeza e de futuro da nação se expressa. "O moderno, o novo, a racionalidade econômica estão presentes e são constituintes na formação e projeção dos espaços" (BECKER, 1990, p. 91).

Uma região propensa à conquista e colonização, a Amazônia tem atraído migrantes desde as frentes pioneiras<sup>2</sup> que, estimuladas pelas políticas governamentais dos anos 1970, consolidaram a soberania nacional sobre esse território e promoveram grandes transformações sociais e ambientais.

Esse fenômeno migratório, portanto, tem trazido dinâmicas sociais, ambientais, políticas e todas suas configurações que são ligadas aos mecanismos de integração regional, nacional e continental. Com atores vindos de áreas diversas, essa migração interna é documentada por várias ciências e desempenha papel relevante nas muitas estratégias de desenvolvimento do governo brasileiro.

Para o presente estudo, escolheu-se a cidade de Porto Velho como contexto de pesquisa por ser essa a capital do Estado de Rondônia. Um Estado que,

por sua diversidade, seus problemas socioculturais e seu rápido crescimento demográfico, é um retrato síntese da Região Amazônica.

A observação dos dados colhidos mostra que a colonização da cidade de Porto Velho aconteceu de modo desordenado e com interesse e valores diversos. A ocupação, que inicialmente não se deu por ação oficial e sim por ação particular, por ocasião da construção da estrada de ferro *Madeira-Mamoré*, recebeu pessoas de regiões variadas em ciclos migratórios bem marcados, tais como ciclo da borracha, da cassiterita, da distribuição de terras pelo Inca, do ouro e, com início em 2010, o ciclo da construção das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau.

Órgãos públicos e privados vêm, através de projetos variados, tentando direcionar o desenvolvimento dessa região, tendo como meta a equalização do desenvolvimento populacional com o desenvolvimento econômico. Observa-se, com a triangulação de dados sobre a história dessa cidade, seus ciclos de colonização e grandes projetos desenvolvidos, que a imigração é a válvula alimentadora de todo o seu processo de desenvolvimento.

Pelo fato de estar localizada às margens do rio Madeira, a cidade de Porto Velho tem sua história vinculada a esse rio que, integrando as grandes hidrovias da região amazônica, a interliga aos principais centros urbanos regionais. Sua localização sempre foi considerada estratégica, na medida em que a realização de obras de infraestrutura de transporte fluvial permitiria às regiões produtoras da Amazônia e do cerrado brasileiro ter acesso aos mercados mundiais tanto na direção do Oceano Pacífico, atingindo os emergentes mercados asiáticos, como rumo à América do Norte, Europa, América do Sul e África.

Com uma área territorial de 34.082 km<sup>2</sup>, o município de Porto Velho localiza-se à margem direita do rio Madeira. Está situado na coordenada geográfica de 8°54'46" de latitude Sul e 63°40'00" de longitude Oeste. Quanto ao sítio geográfico, está situada inteiramente na depressão Amazônica. Limita-se ao Norte com o Estado do Amazonas; ao Sul com os municípios de Buritis e Nova Mamoré; a Leste com o município de Candeias do Jamari e a Oeste com os Estados do Amazonas e Acre.

Por sua condição de Capital do Estado, Porto Velho tem sua economia fortemente baseada no setor terciário. O comércio é forte e diversificado, por atender a uma extensa região sob sua área de influência e, juntamente com o setor de serviços, constitui a maior fonte geradora de empregos. O parque industrial, ainda incipiente, é representado

<sup>2</sup>O fenômeno das frentes de fronteira, que provocavam processos de transformações extremamente rápidos, despertou o interesse de vários estudiosos europeus (o conceito 'frente pioneira', cunhado por Pierre Monbeig e desenvolvido pela escola francesa de geografia - 'à sociedade em movimento'). Monbeig, um dos primeiros estudiosos desse fenômeno, acompanhou esses movimentos no Sul do Brasil. Decodificá-las e compreendê-las exigiu desse estudioso entender o processo que as impulsionava. Seus estudos alicerçaram a compreensão desses fenômenos, suas dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais. Com as frentes pioneiras fez-se o processo de apropriação territorial da Amazônia. Um processo marcado pela abertura de estradas e pelas ideologias de conquista e seus conflitos (MELLO, 2006).

basicamente por madeiras e pelo processamento de material não metálico (olarias). Várias indústrias já se instalaram no município, entre elas uma produtora de cimento e outra dedicada à produção de equipamentos para as hidrelétricas. Outro indicador da dinamização da economia do município está no fato de que há um Shopping Center de médio porte, inaugurado há três anos, dois de pequeno porte e outro de grande porte em fase de construção.

Há uma relação direta entre a construção das usinas e a demanda por serviços de apoio às empresas locais. Da mesma forma, o setor hoteleiro e o turismo estão sofrendo impulso considerável. Também, está sendo considerada dentro das perspectivas econômicas de Porto Velho, a médio e longo prazo, a construção do gasoduto de Urucum.

Porto Velho, de acordo com o Sebrae<sup>3</sup>, recebeu mais de 8 mil novas empresas no último ano, além de mais 50 mil novos empregos (até 2012). Segundo a Federação das Indústrias do Estado de Rondônia (FIERO), o Estado possui hoje a maior taxa de ocupação da população economicamente ativa da região Norte (94,6%) e a segunda menor taxa de desemprego do Brasil.

Por todo o potencial apresentado, a construção das usinas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, tem atraído para Porto Velho um expressivo contingente populacional, incluídos os técnicos e trabalhadores diretamente empregados e as pessoas impelidas pelas novas possibilidades de desenvolvimento proporcionadas pelo empreendimento. Embora essa cidade já tivesse seu crescimento acentuado independentemente das obras das UHs, o interesse neste estudo volta-se aos jovens migrantes que se deslocaram a Porto Velho a partir do início dessas importantes construções.

### O processo migratório e os atores envolvidos

A migração é um processo que acontece em etapas interconectadas envolvidas por mecanismos mediadores e dinamizantes. A etapa inicial ou pré-migratória corresponde à definição da potencialidade migratória, implica na transformação de alguns atores sociais em migrantes em potencial. A segunda é a fase resolutiva em que se constrói o projeto migratório. Os condicionantes que definem a potencialidade migratória se relacionam com as vivências em uma dimensão contextual social e econômica adversa em seu território de origem, com características sociodemográficas próprias desses migrantes, no que diz respeito a essas dimensões (COZZANI DE PALMADA, 2010).

No processo migratório de regiões diversas direcionadas a Porto Velho, evidenciam-se situações de carência e exclusão, particularmente com respeito ao contexto econômico e laboral. Também é possível identificar nesses migrantes certa recorrência de algumas características destacáveis: idade, sexo, nível de instrução e capacidade de trabalho.

O imaginário da migração são construções sociais que iniciam por meio de informações potenciais dadas sobre um local ou região por familiares migrantes ou amigos. Esse imaginário transforma-se em sonhos que fazem parte de um tipo de representação social mítica, ou seja, representações constituídas de termos vazios, sem sentido próprio ou preciso e, por isso, estão mais sujeitas a condensar diferentes experiências e situações (TURA, 1998).

Esses sonhos concebem espaços territoriais onde as oportunidades de melhorias de vida são incorporadas e, no caso da Região Amazônica brasileira, somam-se a representações construídas a partir de informações da mídia, da escola e literaturas variadas: desde um Éden esperando ser desvendado, passando pelo inferno verde até o eldorado. Essas representações míticas fazem surgir as potencialidades migratórias reconhecidas na fala dos entrevistados:

Meus pais são pequenos agricultores em Santa Catarina, fui para Blumenau e fiz o curso de Informática. Empreguei-me em Joinville, pagava apartamento, comida, condução e ainda vivia longe da família. Aí, um tio que já estava em Porto Velho foi passar o natal em casa de meus pais e nos encontramos, ele falou das oportunidades que estavam se abrindo em Porto Velho e disse que se eu viesse para cá, ganharia muito dinheiro. Naquela noite nem dormi, pensei em morar no meio da mata, a Amazônia, no outro dia vi alguns retratos: rios, gado, floresta, até jacaré [...] (L. O. V., masculino, 23 anos).

Estava formada há 05 anos e não via muita perspectiva, nem namorado, nem nada. Dava aulas na prefeitura de São José dos Pinhais no Paraná. Mas, não estava satisfeita. Muito frio na região e nada mais. Fui visitar uma amiga em São Paulo e lá conheci uma turma que estava vindo trabalhar nas Usinas – engenheiros, administradores e contadores. Falaram tão bem e disseram que os parentes que vieram para cá tinham feito a vida. Assim, comecei a sonhar também [...] (M. R., feminino, 25 anos).

No contexto deste estudo, compreende-se que a migração não é uma resposta mecânica a situações de vulnerabilidade, mas uma estratégia que alguns atores utilizam como critério que pode assegurar oportunidades de sobrevivência e reprodução social. Por esta razão, esse processo requer informações

<sup>3</sup>Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

confiáveis. Atenta-se, então, para o fato de que o potencial migratório conta, inevitavelmente, com a força de atração que o outro lugar exerce e que se manifesta, geralmente, em uma estrutura sociorrelacional que conecta ambos os lugares: emissor e destino. Essa estrutura é que proporciona o conhecimento prévio das oportunidades existentes.

Essas estruturas sociais se constituem de contatos pessoais diretos ou indiretos com atores residentes no eventual lugar de inserção, os quais transferem as informações necessárias para um destino seguro através de suas próprias experiências. As dinâmicas destas estruturas interpessoais vinculam ambos os territórios, são os laços que conectam os atores sociais antes da migração e que os conduzem a concretizar essa potencialidade migratória. Nessa fase pré-migratória, a inclusão nessas redes sociais com pessoas residentes no possível lugar de destino, parentes e/ou amigos já emigrados, provê ao migrante em potencial reposta as mais variadas questões necessárias para firmar a ideia em mudar-se<sup>4</sup>.

Tinha vários amigos que já estavam empregados na Hidrelétrica de Santo Antônio. Eles se comunicavam comigo por e-mail regularmente [...] (L. O., masculino, 26 anos).

Tenho parentes aqui, um irmão de meu pai e seus cinco filhos. Eles vieram na década de 1980, à procura de ouro e conseguiram fazer a vida. Sempre me telefonavam ou visitavam nas férias [...] (M. H. Z., feminino, 30 anos).

No Paraná, cada um tem um parente aqui, comigo não é diferente. Sempre me comuniquei com eles [...] (J. C. N., masculino, 21 anos).

Pode-se afirmar, então, que o potencial migratório presente nos atores entrevistados se concretiza a partir dos resultados de uma análise comparativa entre as condições de vida do seu lugar de origem e do lugar pretendido. O resultado dessa análise, presente na maioria dos testemunhos dos atores entrevistados, é que possibilita os elementos necessários para construir conhecimento acerca das possibilidades existentes no território de atração e são esses que induzem à migração.

Esse conjunto de referências que se transmitem no interior de uma rede repassa experiências diretas, sonhos e aspirações. Geralmente, são referências acentuadas por conotações de êxitos pessoais, com a valorização das condições atrativas da sociedade de inserção, da cidade, das paisagens que contribuem

para reforçar as características positivas do lugar e também reforçam as percepções de vulnerabilidade e acentuam as diferenças, repletas, portanto, de valorizações subjetivas. Essas referências que conduzem a construção de novos sentidos, novas percepções e representações sociais.

A existência e o dinamismo desses novos sentidos, percepções e representações sociais, construídos na fase prévia da migração, se expresam nos relatos dos atores entrevistados e são reconstruídos, filtrados e modificados conforme os balanços que são feitos após a imigração. Essas ressignificações são traduzidas em níveis distintos de ajustes entre as construções prévias e a realidade de ser um imigrante e isso também é visível no discurso dos jovens entrevistados:

Não há muito respeito pelo trabalhador na Usina de Jirau, estou estudando à noite, voltei à Faculdade de Direito, mas como a Usina fica a 120 quilômetros de Porto Velho, os ônibus que trazem os trabalhadores são velhos e acabam sempre atrasando. Não está sendo o que eu imaginava. Trabalho muito e pago muito caro o aluguel, tudo aqui é muito caro [...] (J. L. M., masculino, 25 anos).

A insatisfação com o tratamento na Usina de Santo Antônio com os trabalhadores é grande. A cidade não oferece nada a quem chega. Tenho muitos amigos, mas todos insatisfeitos [...] (J. C., feminino, 26 anos).

Sou encarregado de máquinas pesadas, vim para cá em busca de melhorias e estou conseguindo. Já comprei uma casinha e casei. Estou realizando meus sonhos [...] (M. R., masculino, 27 anos).

Com a cidade me assustei um pouco, é suja, quente e um corre corre danado. Não parece nada a Amazônia que eu imaginava. Mas vamos lá [...] (A. R. C., masculino, 23 anos).

Não sei por que eu vim. Só sei que aqui eu encontrei um bom emprego. Estava sem esperanças, mas aqui também não é o paraíso que muitos imaginam [...] (C. H. B., feminino, 30 anos).

Neste estudo, distinguem-se, portanto, no processo migratório, uma fase pré-migratória e uma fase resolutiva interconectadas. A primeira relacionada com a potencialidade migratória, a construção de sonhos, a idealização do lugar de origem através de subjetividades de outros. A segunda com a decisão e o ato migratório em si, um confronto entre o real e o idealizado.

#### **Percepções dos jovens imigrantes sobre a região amazônica**

Com a análise das entrevistas e da observação participante, foi possível conhecer a percepção dos jovens atores pesquisados sobre a Amazônia. De

<sup>4</sup>Oitenta por cento dos imigrantes entrevistados confirmaram que tinham parentes, amigos ou conhecidos residindo na Amazônia antes de suas migrações; 100% mantiveram contato com pessoas residentes em Porto Velho pela Internet ou conversas telefônicas.

acordo com a grande maioria, a experiência com o estranho, a desarticulação de modos de vida, a mudança para um lugar deslocado, sem o nexos dos sentidos, dá-lhes a impressão de perder suas próprias referências e sua capacidade de ressignificar e de ordenar o seu mundo. Essa sensação de perder os seus próprios sentidos está presente em várias dessas declarações:

Não tinha muita coisa na minha terra, mas o clima era bom. Podia falar e pedir a benção de meus pais, tinha amigos e outros parentes. De repente me vi aqui, um lugar estranho, mais estranho do que eu imaginava, mosquito, moriçoca, carapanã, meio ano só poeira e meio ano só chuva. Passei a não saber pra que eu vim. O trabalho ruim, o dinheiro pouco. Minha namorada queria vir também. Não tive coragem de trazer e perdi a namorada. O que eu pensava dessa terra antes: pescaria, dinheiro no bolso, casa e muita coisa mais. Não foi bem assim. Quando comecei a estudar e fazer amizades as coisas começaram a mudar. Juro que pensei que ia ficar louco. É tudo muito diferente [...] (J. R. R., masculino, 22 anos).

Trabalhava em uma multinacional, tinha perspectivas boas para o futuro, mas fui cair na tentação. Vários amigos vieram para cá e, rapidamente, estavam com suas pequenas empresas bombando. Daí eu vim. Não me dei mal, trabalho menos, corro menos, mas foi difícil. Só esse clima, parece que é uma sauna. Uma sauna fedorenta e suja. Mas já comprei casa. Não me parece que vivo na tão falada pureza amazônica [...] (L. A. P., masculino, 28 anos).

Eu cheguei dias antes da greve e queima de tudo no Jirau, foi horrível, vim sem dinheiro. Nada podia fazer a não ser esperar o tumulto acabar. Meus amigos que vieram de lugar pequeno no Nordeste como eu, veio para trabalhar na construção e todos sentiram-se estranhos, principalmente porque fomos privados de tudo, nossa vida era o canteiro de obras, viemos pra isso, trabalhar e enviar dinheiro pra casa. Muitos já foram embora, outros perderam a vida [...] (M. A. O., masculino, 25 anos).

Essa sensação do diferente conduz a uma necessidade de construção de novos sentidos que impilam a novos pontos de vista sobre a nova realidade. Um lugar diferente, o estranho e a negatividade, destrói o terreno que sustenta a familiaridade, já que estes imigrantes foram desconectados de seus suportes socioafetivos e culturais. Há a necessidade da construção de novos espaços e para isso há a necessidade da 'reavaliação' dos sentidos<sup>5</sup> nova reflexão sobre o lugar, ou

melhor, a necessária construção de um lugar para denominar de seu.

Desse modo, pelo menos aparentemente, esses jovens migrantes, com novos sentidos culturalmente construídos, passam a ler a Amazônia sob novos pontos de vista. Sobre tais transformações, Bakhtin, M.; Volochinov (1999, p. 136) faz as seguintes considerações:

Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la.

O resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência. Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável neste processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma instabilidade e uma identidade igualmente provisórias.

Essa nova resignificação também é notada na narrativa da história de vida dos jovens pesquisados:

Embora não tenha me acostumado muito, casei aqui e hoje tenho família. Gosto dos banhos, os Igarapés e não sei se me acostumaria em São Paulo novamente [...] (M. O., feminino, 27 anos).

Já me acostumei. Gosto até do calor. Sou gaúcho e todas às vezes que fui lá, quase morri de frio. Aqui temos o GT Gaúcho. Tudo me parece familiar. [...] (J. A. C., masculino, 30 anos).

Já tenho casa, carro e até um sítiozinho. Filho não quero ainda, mas se Deus quiser logo, logo a família aumenta. Aqui pode não ser o paraíso, mas também não é o inferno que parecia no início [...] (C. H. B., feminino, 30 anos).

Nota-se, então, que o jovem migrante, provavelmente, construiu sentidos amazônicos pelo envolvimento social, participando do dia a dia da comunidade, com amizades e interesses pela região descrita. Com sentidos culturalmente construídos em sua cultura original e sentidos construídos na cultura amazônica, ele lê contextos e cenários, reconstrói suas significações e pontos de vista. Sentidos que manifestam a interculturalidade e intersubjetividade, um espaço da busca do 'outro' e do retorno a si mesmo.

<sup>5</sup>Sobre a revisão, Bakhtin and Volochinov (1999, p. 135) faz algumas considerações: "[...] a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma 'reavaliação': o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro." Desse modo, compreende-se que a evolução do tema e

das significações que compõem as percepções do jovem migrante é a transformação da própria apreciação social ao ambiente amazônico. Sobre a transformação da apreciação social e a mudança de sentido, Bakhtin and Volochinov (1999, p. 136) comenta: "A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social [...]."

Assim, se comprova que os sentidos, percepções e representações sociais construídos na fase prévia da migração, expressados nos relatos dos atores entrevistados, são reconstruídos, filtrados e modificados conforme os balanços que são feitos após a imigração e evoluem até a sua construção do espaço e a tomada do seu lugar, modificando paisagens e suas próprias histórias. Faz do lugar, antes idealizado, o seu lugar, o seu mundo vivido.

### Considerações finais

As imagens e representações sociais sobre o 'ser imigrante' na Amazônia, são imagens construídas historicamente (conscientes ou inconscientes) e estão presentes nos discursos dos jovens trabalhadores entrevistados e demonstram suas percepções sobre as pessoas e a cultura local.

Verificou-se que, em cada uma das fases do processo migratório, há mudanças nas percepções desses jovens sobre a Amazônia e a cidade receptora. Os dados obtidos trouxeram à pesquisa detalhes sobre essa evolução e transformação das imagens preconcebidas desde a tomada de decisão desses jovens sobre a migração até a chegada ao seu destino e sua inserção na sociedade em Porto Velho. Uma inserção que confronta o imaginário com o real e se converte, em alguns casos, em frustrações e desilusões.

Ademais, comprovou-se, também, que mesmo com a construção e reavaliação de sentidos que conduzem a novas percepções sobre a realidade amazônica, há sempre a negação dessa integração com a constante afirmativa: 'a gente se acostuma'. Como numa reafirmação constante da não integração a essa cultura, ou mesmo, uma constante afirmação de ser um imigrante e não um amazônida.

Os resultados mostram que esses sentidos que conduzem as percepções e as representações sociais reavaliados durante todo o processo migratório também mudam seus modos de ver a vida, com a valorização de seu local de origem (antes subestimado) e o saudosismo, mesmo naqueles que já construíram seus espaços amazônicos e não pretendem retornar ao seu lugar de origem.

### Referências

ADAMS, H.; SEARLE, L. **Critical theory**. Flórida: University of Florida, 1985.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BASSNETT, S. **Translations studies**. London and New York: Routledge, 1991.

BECKER, B. K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

CLAVAL, P. Globalização, migrações, inclusão e exclusão: algumas reflexões. In: ALMEIDA, M. G.; CRUZ, B. N. (Ed.). **Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Goiânia: UFG, 2009. p. 10-25.

CLAVAL, P. **Épistemologie de la Géographie**. Paris: Édition Natan, 2001.

COZZANI DE PALMADA, M. R. Migraciones recientes y representaciones sociales. In: PERSI, P. (Ed.). **Territori emotivi – geografie emozionali**. Fano (PU), 2010. p. 174-179.

DURKHEIM, É. [1912]. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. 3. ed. Paris: PUF, 1994.

FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOFFMAN, E. **Interaccional ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

LEWIN, K. **Resolving social conflicts**. Nova York: Harper and Row, 1948.

MATTOS, C. M. **Uma geopolítica Pan-Amazônica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

MELLO, N. A. **Políticas territoriais na Amazônia**. São Paulo: Annablume, 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

SIMMEL, G. Der Raum und die räumlichen Ordnungen der Gesellschaft. In: SIMMEL, G. (Ed.). **Soziologie**. Berlin: Duncker and Humblot, 1908. p. 460-526.

SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992, Campinas. **Anais...** Campinas: ABEP, 1992. p. 119-144.

TAGORE, R. **Nationalism**. London: Macmillan, 1917.

TUAN, Y. **Topofilia – um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TURA, L. F. R. Aids e estudantes: a estrutura das representações sociais. In: JORDELET, D.; MADEIRA, M. (Org.). **Aids e representações sociais à busca de sentidos**. Natal: Edufrn, 1998. p. 121-154.

*Received on May 20, 2013.*

*Accepted on August 7, 2013.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.